Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

REPERTÓRIOS, PLAYLISTS E MEMÓRIAS/FORMAÇÃO DE UMA EDUCADORA MUSICAL

REPERTOIRES, PLAYLISTS AND MEMORIES/TRAINING OF A MUSIC EDUCATOR

REPERTORIOS, PLAYLISTS Y RECUERDOS/FORMACIÓN DE UN EDUCADOR DE MÚSICA

Maria Cecilia de Araujo Rodrigues Torres
EMCO/UFRGS

Resumo

O presente artigo apresenta um exercício de revisitar as memórias de formação como docente de música, ao longo de 40 anos, no campo da pesquisa (auto)biográfica, trazendo os repertórios e as playlists que compuseram e acompanharam cada etapa desta formação. A escolha por músicas com a temática do sol vão abrir cada tópico e permear os diferentes contextos em que fui vivenda e atuando como educadora musical ao longo destas décadas. Escolhi destacar minhas memórias docentes entrelaçadas às sonoridades e fragmentos das letras e sonoridades das músicas que foram reverberando e fazendo parte da constituição da minha identidade de educadora musical na escola de educação básica e docente do ensino superior, em diferentes contextos, com sotaques, ritmos e entonações. Um exercício constante de escuta e ampliação das playlists.

Palavras-chave: Memórias docente; *Playlists;* Narrativas (auto)biográficas.

Abstract

This article presents an exercise in revisiting the memories of training as a music teacher, over 40 years, in the field of (auto)biographical research, bringing the repertoires and playlists that composed and accompanied each stage of this training. The choice of songs with a sun theme will open each topic and permeate the different contexts in which I have lived and worked as a music educator over these decades. I chose to highlight my teaching memories intertwined with the sounds and fragments of the lyrics and sounds of the songs that were reverberating and forming part of the constitution of my identity as a music educator at the basic education school and higher education teacher, in different contexts, with accents, rhythms and intonations. A constant exercise in listening and expanding playlists.

TORRES, Maria Cecília de Araújo Rodrigues. REPERTÓRIOS, PLAYLISTS E MEMÓRIAS/FORMAÇÃO DE UMA EDUCADORA MUSICAL. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 65, N. 65, p. 1-18, setembro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

Keywords: Teaching memories; Playlists; (Auto)biographical narratives.

Resumen

Este artículo presenta un ejercicio de revisión de memorias de la formación como profesor de música, a lo largo de 40 años, en el campo de la investigación (auto)biográfica, trayendo los repertorios y listas de reproducción que compusieron y acompañaron cada etapa de esta formación. La elección de canciones con temática solar abrirá cada tema e impregnará los diferentes contextos en los que he vivido y trabajado como educador musical durante estas décadas. Elegí resaltar mis memorias docentes entrelazadas con los sonidos y fragmentos de las letras y sonidos de las canciones que fueron reverberando y formando parte de la constitución de mi identidad como educadora musical en la escuela de educación básica y docente de educación superior, en diferentes contextos, con acentos, ritmos y entonaciones. Un ejercicio constante de escucha y ampliación de listas de reproducción.

Palabras clave: Memorias docentes; Listas de reproducción; Narrativas (auto)biográficas.

O Sol tecendo os fios das memórias

> E se quiser saber pra onde eu vou,
> Prá onde tenha sol, é prá lá que eu vou;
> E se quiser saber pra onde eu vou,
> Prá onde tenha sol, é prá lá que eu vou (Jota Quest)[1].

Inverno de 2024!

Abro a escrita deste artigo na cidade de Porto Alegre, após um período de muitas enchentes, chuvas, frio, tristeza, pessoas desabrigadas, resiliência e reconstrução no Estado, com um excerto da música “O Sol”, do grupo Jota Quest. Em sintonia com a temática deste trabalho, escolhi o tema do Sol para permear e iluminar minhas memórias, sonoridades e narrativas que vão compor as playlists[2] e trilhas sonoras dos diferentes espaços aqui narrados. O objetivo deste texto é de

[1]Trecho da música “O Sol”, da Banda *Jota Quest .*
[2] Para saber mais sobre o significado do termo playlist neste texto, sugestão de consultar: SANTOS, G. F. Uma revisão bibliográfica do conceito *de playlist (*2017).

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

fazer um exercício de revisitar e relembrar repertórios e músicas que constituíram as playlists de diferentes tempos e espaços nos quais vivi e atuei como educadora musical, ao longo de mais de 40 anos, na busca de interlocuções com autores dos campos de pesquisa da educação musical e da pesquisa (auto)biográfica e como essas sonoridades reverberaram e ajudaram a tecer meu processo de formação docente em ação. Aqui já fica o convite para que os leitores e leitoras organizem suas playlists e me acompanhem nesta jornada de memórias/formação. Enfatizo também que não tenho o propósito de definir playlist e nem repertório, mas sim de rememorar algumas destas músicas e momentos da minha trajetória como docente.

No campo da educação musical e das narrativas (auto)biográficas destaco alguns autores que pesquisam com propostas de playlists, tais como os trabalhos de Torres (2020), Larruscain (2023), Queiroz e Abreu (2022), Abreu, Souza e Araujo (2024) e Abreu (2024), dentre outros. Neste sentido, Abreu (2024) ressalta em artigo sobre a história de vida de uma educadora musical, que "ao contar histórias, as autobiografias musicais vão desvelando músicas que nos acompanham em forma de playlist de vida" (Torres, 2023).

No que tange aos repertórios musicais e suas escolhas para diferentes grupos musicais e faixas etárias, evidencio trabalhos tais como os de Torres et. al (2003), Kremer, Andersen, & Wolffenbüttel, (2014), Torres (2007, 2017), Torres e Santos (2019), Moreira (2020), Makino (2021), Torres, Leal e Silva (2023), dentre outros, os quais abordam aspectos que envolvem a escolha de repertórios por parte dos educadores musicais, em diversos contextos. Com estas músicas e estes movimentos vou trançando os fios desta escrita, impregnada de sonoridades e memórias que se entrelaçam, sem uma linearidade cronológica e temporal. Desta maneira, enfatizo que o tema das escolhas dos repertórios musicais, presente nas práticas cotidianas como docente de música, está imbricado com meus olhares, fazeres e escolhas de pesquisas há mais de duas décadas.

Na perspectiva da pesquisa (auto)biográfica trago alguns autores como Pineau (2024), Passeggi (2024),Délory-Momberger (2024), (Abreu, 2019, 2023), (Abrahão, 2024), Bragança (2009), para me acompanharem e embasarem as reflexões, auxiliando desta forma nas interlocuções entre as lembranças musicais e as escritas de si no campo das narrativas (auto)biográficas. Um exercicio de

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

juntar não só os sons com diversos timbres, mas também, metaforicamente, os retalhos de diversas cores e estampas, para ir formando essa grande colcha de retalhos da vida.

Finalizo esta abertura com as palavras de Abreu (2024), em artigo que apresenta fragmentos da história de vida de uma educadora musical e enfatiza que "[...] podemos pensar com ela sobre o agir e (re)agir, nessa mutualidade, perante as playlists de vida, ao problematizá-las na relação do sujeito com a música que dela se apropria" (2024, p.19).

De aluna à educadora musical: Niterói/RJ

> Viva o Sol, do Céu da nossa Terra,
> Vem surgindo, atrás da linda serra... (Cânone)[3]

O início da docência como educadora musical aconteceu na escola em que havia estudado ao longo de sete anos e, que naquele ano, inaugurava uma unidade com turmas de educação infantil e do ensino fundamental. Era março de 1972! Eu havia concluído o Curso Clássico/Letras e Artes, o que corresponde ao antigo 2º Grau, e, mais recentemente, ao Ensino médio, em dezembro de 1968. A Escola nomeada como Experimental, era vinculada à Fundação Brasileira de Educação e as aulas aconteciam em período integral, com um tempo para estudos dirigidos na própria escola, sem temas para levar para casa e nem avaliações com datas marcadas. Trabalhava com meus dois ex-professores de música, que naquela situação passaram a meus colegas e um deles, coordenador do grupo, com os quais aprendi muito. Minha identidade de aluna ia mudando para a de educadora musical, em um movimento lento e cuidadoso, mas intenso!

Concomitante a este aspecto da formação em ação e ao rememorar estas histórias que me constituíram e me constituem, os diferentes tempos e espaços se mesclam neste exercício de me recontar, de trazer fragmentos de minha história de vida, onde, de acordo com Bragança:

> A temporalidade assume grande relevância nessa abordagem, pois trabalhar com as histórias de vida traz o desafio de ultrapassar a linearidade paralisante do paradigma simplificador, e coloca-nos na

[3] Trecho do Cânone "Viva o Sol do céu...", de autoria de Lucília Guimarães Villa-Lobos

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

> intensidade de reflexões que cruzam passado, presente e futuro".(Bragança, 2009, p.40).

Aqui estou eu nestes entrecruzamentos

Pineau (2024), em artigo que aborda as histórias de vida em formação e as aberturas de fontes existenciais de pesquisa, enfatiza, dentre várias questões, os "quatro períodos de vida" dos quais me senti pertencente e, desta maneiram trago o terceiro deles para me acompanhar neste movimento de rememorar, pois o autor ressalta que são "os anos de trabalho a serem vividos ao longo de um período de pelo menos 50 anos, com um mercado de trabalho também em (r)evoluções socio-técnicas permanentes" (2024, p. 17).

Eram várias turmas da educação infantil, com crianças a partir de 3 e 4 anos, e também turmas das primeiras séries (hoje anos iniciais) do ensino fundamental. Um mundo de desafios, insegurança, diria até medo das crianças. Estava em uma escola em que todas as turmas teriam um período de aula de música semanal até o final do ensino fundamental e, lá estava eu, aprendendo com eles, tentando escutar e selecionando repertórios musicais. Priorizava canções do Folclore brasileiro e outras melodias com poucas notas e letras curtas tais como os cânones "Viva o Sol" e "Viva o sineiro da matriz", ou a canção "A maré encheu", emendadas às músicas de autoria da Beatriz Bedran (Bia Bedran) como "Pedala, pedalinho" e "O anel". Em meio às sonoridades, reverberavam também as canções do "Guia Prático de Villa Lobos" e melodias do folclore brasileiro do volume 1, do livro "Vamos tocar flauta doce", de autoria da educadora musical alemã Helle Tirler. Falar do repertório ou *playlists* desta época é relembrar o sotaque de muitas canções do Nordeste, com o trabalho fundamentado a partir do método de musicalização do professor Gazzi de Sá e o Método Gazzi de Sá, com as aulas ministradas pelos queridos professores Ermano e Theresia. Desta forma,

> Dedico este artigo aos meus queridos professores do Centro Educacional de Niterói (CEN) e educadores musicais Ermano Soares de Sá e Theresia de Oliveira (in memorian), que, de maneira exemplar trabalharam, ensinaram e divulgaram o método Gazzi de Sá no ambiente escolar". (Torres, 2016, p.122).

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

Trabalhei nesta escola ao longo de quase oito anos e parei quando nasceu minha primeira filha. Neste momento da minha vida, lá estavam os repertórios musicais sussurrados ou tocados na caixinha de música pendurada no berço, entre os sons dos CDs infantis e as melodias tocadas na flauta doce.

Encerro esta etapa do trabalho com as palavras de Passeggi (2011) que nos lembra que, "Ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se" (p.147). Desta maneira, puxo mais um fio desta história rememorada e reinventada tantas vezes com as palavras de Pineau (2024), ao destacar que "no início deste segundo milênio, a vida que procura entrar na história não é mais a dos notáveis para assegurar seu poder, mas a de cidadãos comuns, obrigados a tomar em mãos sua vida e a se lançar neste aventuroso exercício" (p.21). Sigamos com as histórias e memórias!

Professora de música em outros pagos: Porto Alegre/RS

É o meu Rio Grande do Sul
Céu, sol, sul, terra e cor
Onde tudo que se planta cresce
E o que mais floresce, é o amor! (Leonardo)[4]

Era outono de 1984 e havia vindo com a família, marido e três filhos, de mudança para esta cidade. Era um recomeçar na vida pessoal e profissional. Deixara os alunos de flauta doce, a Escola de Música Villa-Lobos/RJ, o Grupo Instrumental Fontegara (sob a regência de Helder Parente), familiares, sonoridades, paisagens e sotaques que compuseram minha infância, adolescência e início da vida adulta. A música estava na bagagem, junto com as memórias.

No ano seguinte fui convidada a dar aulas de música na Escola Montessoriana[5], onde meus filhos foram estudar e, desta maneira, seria a primeira e única professora de música da escola naquela época. Iniciei com todas as turmas da educação infantil e séries iniciais, com aulas semanais. Era um mundo novo, com metodologia, organização de sala de aula, com a organização do círculo no chão da sala e dos materiais e fichas para os alunos trabalharem e estimulando

[4] Trecho da música "Céu, sol, sul, terra e cor!", de autoria Jader Moreci Teixeira (Leonardo).
[5] Maria Montessori, educadora, pedagoga e médica italiana.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

a autonomia das crianças e jovens. E lá estava a questão sempre presente “Que repertório levar para as aulas?”. Trabalhei no início com as playlists já conhecidas e que levava para a escola em Niterói e, aos poucos, fui escutando os alunos e suas músicas, ampliando assim o meu repertório. Melodias compostas por Bia Bedran, outras canções do folclore nordestino, mas também muitas músicas gauchescas, tais como “Balaio”, “Canto Alegretense”, “Hino do Rio Grande do Sul”, entrelaçadas com as melodias na flauta doce e os hinos dos países, como os da França e dos Estados Unidos da América e também de um time de *football* local, a pedido dos alunos. Uma riqueza de diversidade de sons e aprendizagens como professora de música, mesclando meu sotaque de fluminense com as expressões e termos gauchescos.

Ao longo dos oito anos nesta escola, tive a oportunidade de trabalhar com grupos de flauta doce de crianças/alunos, após as aulas e também com um grupo de mães de alunos que gostaria de fazer o processo de musicalização na vida adulta, com aulas de flauta doce soprano e contralto. Era um trio de mães que, posteriormente, tornaram-se amigas, possibilitando assim que durante os anos de convívio tocássemos juntas em diferentes locais. Aqui emerge fortemente a questão das playlists ou escolhas de repertório, com um repertório de tangos, músicas italianas e hispânicas que as alunas selecionaram para tocar e que tinham um significado em suas memórias, perpassando momentos e fases de suas vidas.

Antes de prosseguir nas minhas histórias/memórias imbricadas com as escolhas musicais e repertórios como educadora musical, relembro algumas atividades pedagógico-musicais para trabalhar com esta proposta de repertórios e playlists, em diferentes etapas da minha caminhada como docente. Ora como professora de flauta doce ora como educadora musical na escola regular, relembrei que havia trabalhado com alunos de diferentes faixas etárias com a escolha de suas músicas e gostos musicais, o que chamaria de playlists. Vieram cenas com os adolescentes das antigas 8as. Séries, entre os anos 1993 e 2000, que tinham como material da aula de música uma fita cassete e gravavam suas músicas preferidas para socializarem com os colegas. Revivi também aulas de flauta doce em grupos com crianças e adultos, que traziam suas músicas de diferentes estilos e compositores para trabalharem nas aulas coletivas de flauta doce soprano e contralto. Sem deixar de destacar as listas de repertórios que os

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

alunos/estagiários organizavam para iniciar os estágios do Curso de Licenciatura em Música no ambiente hospitalar ou as músicas que selecionavam para compor os repertórios das aulas de flauta doce, formando portfólios com detalhamento dos objetivos, motivos das escolhas e procedimentos pedagógico-musicais. Foram anos em que aprendi muito e ampliei meus repertórios com as escolhas musicais dos meus alunos.

Mestrado e mudanças para uma nova escola: equipe de colegas

> Todo o dia o sol levanta
> E a gente canta ao sol de todo o dia;
> Fim da tarde a terra cora
> E a gente chora porque finda a tarde... (Caetano)[6]

Era o fim do verão de 1993 e eu iniciava meu trabalho em uma nova escola: uma escola que era uma Fundação em que os pais assumiam toda a parte de direção e gestão. Ao mesmo tempo, depois de atuar por 20 anos como educadora musical na escola, havia sido aprovada em um mestrado em Educação. E o que me surpreendeu? Havia uma equipe de professores de música: éramos cinco comigo e era a primeira vez em que trabalharia em uma escola com turmas divididas com Artes visuais, ficando a metade da turma em cada aula e depois trocando de atividade.

Uma escola em que tinha os colegas/amigos para conversar, planejar, aprender, ser desafiada e fazer muita música tocando e cantando com os alunos. Um espaço privilegiado de discussões, apresentações musicais, criações e parcerias. Tivemos um Grupo Instrumental juntamente com a professora Viviane Beineke, gravação de CD, apresentações musicais, artigos e trabalhos em conjunto. O repertório? Desde o “Canto do povo de um lugar”, passando por músicas da chamada MPB, Rock Brasileiro e músicas veiculadas pela mídia que os alunos traziam, assim como melodias folclóricas de vários países do mundo e minuetos de Mozart, no grupo de flautas. Dentre as sonoridades estavam também músicas como “Morning Has broken” (Cat Steven) ou “O Palhaço” (Egberto

[6] Trecho da música “Canto do povo de um lugar”, composta por Caetano Veloso.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

Gismonte), que escolhíamos para as apresentações com os colegas da escola, com piano e flautas. Certamente um espaço de diversidade de estilos musicais!

O cotidiano e suas músicas chegaram à minha porta na escola com o convite da Professora Dra. Jusamara Souza para eu integrar o grupo de pesquisa Educação Musical e Cotidiano (EMCO/UFRGS), no ano de 1996, assim que terminei meu mestrado. Falar um pouco do Grupo de Pesquisa EMCO é lembrar uma parte significativa da minha vida profissional e pessoal, em um processo de formação/ação, com desafios constantes em relação às concepções de aula de música na escola e aos repertórios e músicas que os alunos traziam de seus cotidianos. Os repertórios ganharam força e volume e eu fui perdendo o medo que tinha de escutar e analisar as playlists que alunos adolescentes da escola traziam, com uma riqueza e diversidade de estilos musicais e impregnados de significados para cada um deles, como canções da MPB, Bossa-Nova Rock Brasileiro, Rap, Reggae, Axé Music e Música Nativista. Fechando estas reflexões, compartilho das ideias de Souza (2000) quando chama atenção para o fato que "A aula de música orientar-se-ia não em objetos, mas, sim, nos alunos, em suas situações, problemas e interesses, pois ninguém pode, a, priori, definir o objeto ou o repertório que seja mais adequado" (2000, p.179).

Docência no ensino superior: Curso de Pedagogia

> Numa folha qualquer
> Eu desenho um sol amarelo
> E com cinco ou seis retas
> É fácil fazer um castelo (Toquinho/Vinícius/Guido)[7]

Inverno de 1996.

O primeiro concurso para o ensino superior, logo após o término do mestrado, foi para um Curso de Graduação em Pedagogia da antiga FATES, hoje UNIVATES, na cidade de Lajeado/RS. Era a primeira vaga para professora de música neste curso de Pedagogia, com aulas semanais. Uma nova etapa

[7] Trecho da canção "Aquarela", de Toquinho, Vinícius da Moraes e Guido Moura.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

começava! La estava eu indo uma vez por semana para as aulas em Lajeado e levando na mochila as *playlists* para as futuras professoras. Entre os acordes de "Aquarela", "Alecrim", "Pedala, pedalinho", "Peixe Vivo" e "Loja do mestre André", eu ia ampliando minhas escutas e inserindo novas músicas para o trabalho com a formação de professoras unidocentes que iam atuar nas escolas. Ora eram as músicas dos "Saltimbancos" ou trechos para escuta e apreciação musical do "Trenzinho do caipira" de Heitor Villa-Lobos ou a abertura de "Carmina Burana", de Carl Orff, entrelaçadas com Rocks e cantigas infantis, com o objetivo de trabalhar com um "repertório variado, com análise crítica e releitura" (Torres, 1998, p.136).

Aqui ressalto que me refiro às futuras professoras, pois nas turmas em que lecionei, nos anos em que atuei como docente no curso, todas eram compostas por alunas, sendo que a primeira turma era constituída por vinte alunas, na faixa etária entre 20 e 30 anos. Foi um período de muito trabalho, desafios e formação, pois "nesta época ainda eram escassos os trabalhos e relatos de experiência abordando essa temática" da educação musical nestes cursos e "o Curso de Pedagogia era novo e, portanto, a primeira vez que a disciplina seria oferecida" (Torres, 1998, p.135).

O Doutorado e os cursos de Licenciatura em Música

> Here comes the sun
> doo-doo-doo-doo
> Here comes the sun,
> and I say It's alright (Beatles)[8]

Verão de 2001!

O doutorado em educação e a oportunidade de ter uma bolsa e passar um período *sandwiche* na Austrália, só estudando, me possibilitou ampliar meus olhares para horizontes nunca vistos. Diálogos com colegas de vários países, reuniões e seminários entremeados aos sons das melodias dos didjeridu dos aborígenas no centro da cidade, dos rocks que meu professor da universidade tocava com seu conjunto ou nos almoços "étnicos" com os colegas de doutorado.

[8] Música "Here comes the sun", composta por The Beatles

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

Foram muitas aprendizagens e memórias para rever, inclusive de poder participar de um congresso da ASME (Australian society for Music Education), apresentando uma parte da minha pesquisa de doutorado. Foram sete meses intensos, nos quais minha identidade musical foi ampliada, assim como minhas escutas e olhares para outros povos e lugares com o convívio com colegas de Singapura, Índia, Canadá, Hong Kong, Austrália, Tasmânia, Grécia, Nova Zelândia, dentre outras. Um exercício de vida multicultural!

Ao retornar ao Brasil, fiz concurso para uma nova universidade pública que abria no Estado, a UERGS (Universidade Estadual do Rio Grande do Sul), para lecionar disciplinas de educação, nos cursos de Pedagogia da Artes/Licenciatura em Música, Artes Visuais, Teatro e Dança no município de Montenegro/RS. Ao longo dos anos em que atuei como professora, fiz muita música com meus colegas e alunos, onde toquei em um grupo de flautas doce e, neste momento revisitei minhas *playlists* e pude ampliá-las, com a inclusão de peças como “Brasileirinho”, Choros e outras melodias. Fui docente e coordenadora de ensino dos cursos, sendo desafiada com questões de gestão e de coordenação. Nova etapa, mas sem deixar de lado as playlists do grupo *Bloco de Vento*, grupo de flautas doces formado por alunos da instituição e coordenado pela professora Dra. Marília Stein, com um repertório diversificado.

Para me acompanhar neste movimento de rememorar sobre a minha formação continuada ou em ação, trago Abrahão em suas considerações ao pontuar que “no campo das Ciências da Educação, a utilização da perspectiva teórico-metodológica das narrativas de vida vem associada à formação, entendida como processo permanente ao longo da vida” (2024, p.4). E assim busco dar continuidade!

Curso de Licenciatura em Música na cidade onde moro

Desde 2008, ao longo de onze anos, estive como docente no Curso de Licenciatura em Música do Centro Universitário Metodista/IPA, em Porto Alegre, local onde me aposentei em agosto de 2019. Trabalhei com muitas disciplinas do curso, entre práticas coletivas de flauta doce, estágios supervisionados em diferentes espaços, práticas pedagógicas, metodologia de pesquisa e educação

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

musical inclusiva, dentre outras. Os repertórios perpassavam as propostas pedagógicas para os estágios, as escolhas dos repertórios para as aulas de flauta doce ou para o grupo de flautas, assim como para as atividades do PIBID nas escolas de educação básica nas quais atuei como coordenadora de subprojeto de Música ao longo de cinco anos. Ora eram sons das flautas doce nos arranjos de "Vira virou", do "Carinhoso", ou da "Primavera" (Allegro/Vivaldi), amalgamados aos sons do "Samba", "Bossa" e Baião", de Tasso Bangel, dentre muitas outras escolhas que os alunos traziam como sugestões para as práticas musicais coletivas, pois as aulas eram todas em grupo. Lá estava eu aprendendo e sendo desafiada a conhecer novos repertórios e, desta maneira, ampliando minhas playlists.

Outro contexto em que tive a oportunidade de trabalhar com estas playlists de uma maneira dinâmica, foi o período de 10 anos em que, juntamente com colegas desse curso de Licenciatura em Música, realizamos um trabalho de estágio supervisionado no ambiente hospitalar, fazendo educação musical em um hospital infantil e um de adultos. Nestes hospitais, as músicas eram levadas pelos estagiários, mas o mais importante era escutar as demandas e pedidos dos pacientes e familiares. Desta maneira, finalizo este tópico com alguns questionamentos que nos acompanharam e desafiaram durante esses anos de estágio nos contextos hospitalares, tais como "Quais músicas escolher para cantar e tocar? Como será o gosto musical dos pacientes e familiares com os quais vou interagir? Quais serão as trilhas sonoras para cada dia ou momento de trabalho no hospital?" (Torres, Leal, Silva, 2023, p.103). Entre os acordes de "Vamos fugir", "Pescador de ilusões", "Como é grande o meu amor por você", "Amor, I love you", "Wave", "Esperando na janela" e muito mais, percorri com os estagiários corredores, quartos, salas de espera de quimioterapia e outros espaços que eram invadidos por diferentes estilos e sonoridades musicais. Não tenho a intenção de responder a estes questionamentos aqui, mas de seguir com as escutas das *playlists* que sonorizam este e tantos outros espaços.

Finalizo com as reflexões de Rocha e Passeggi (2021), em capítulo que apresentam e analisam entrevistas narrativas com professoras que atuam em classes hospitalares, no qual as autoras ressaltam: "O hospital para as professoras apresenta-se como um lugar de vida, embora a presença da morte seja uma

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

constante; um lugar de emoções, trocas, solidariedade e cuidado. Um lugar de encontros e diálogos afetivos e de acolhimento à vida" (2021, p.22).

Encerrando esta *playlist,* provisoriamente

Finda a tempestade
O sol nascerá... (Cartola)[9]

Inverno de 2024...

Encerro, de maneira provisória, essas reflexões a respeito das minhas memórias como professora de música mescladas com as músicas que tive a oportunidade de escolher, conhecer, cantar, escutar, tocar, tirar de ouvido e, desta maneira, trabalhar com meus alunos ao longo desta trajetória de formação docente. Tive a intenção de revisitar meus caminhos de formação/ação, e, desta forma, trago Pineau (2020) que nos conta que "trajetória foi construída, como para todos, por feedbacks reflexivos periódicos, por "avaliações" mais ou menos conscientes, principalmente após 40 anos, após a primeira metade da vida", complementando que foi necessário refazer seus passos, de tempos em tempos, mas que "o retorno não é sempre evidente, nem culturalmente, nem objetivamente". Volto então aos repertórios diversificados com as melodias da Renascença inglesa, passando pelas peças como violinista em uma orquestra de câmara por dez anos, imbricados com os rocks brasileiros que os alunos adolescentes levavam na escola, próximas das canções da MPB que embalaram a minha juventude juntamente com Bob Dylan e Joan Baez, ou com as músicas do grupo "Palavra Cantada" ou as da Bia Bedran, mescladas com os cânones e canções do folclore nordestino e gaúcho. Ah, sem falar nas músicas dos Beatles que tocamos com os alunos das Licenciaturas ou com os choros e baiões como repertório do grupo de flautas doce.

Retorno ao ano em que registro minhas primeiras narrativas como educadora musical, nos limites deste texto, assim como nos tempos vividos, nos anos que se passaram e nos movimentos da vida, me permitindo desta maneira trazer a escolha que fiz por esta abordagem de narrativa e pesquisa, a qual Délory-

[9] Trecho da música "O Sol nascerá", composição de Cartola.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

Momberger (2016) nos lembra de que “A pesquisa biográfica se diferencia de outras correntes de pesquisa por ela introduzir a dimensão do tempo, e mais especificamente a temporalidade biográfica em sua abordagem dos processos de construção individual”. (2016, p.136). As músicas que compuseram as playlists relembradas neste artigo foram fundamentais nos processos de constituição de minhas identidades profissional e pessoal, com suas ressignificações no decorrer da minha vida, pois possibilitaram a ampliação das minhas escutas, em um movimento constante de conhecer sonoridades e músicas desconhecidas, buscando não rotular, mas sim, conhecer.

Sem dúvida não pretendi nessas narrativas dar conta de todas as playlists que foram constituindo minhas memórias musicais, mas rememorei algumas e foi um privilégio ter podido, ao longo desses anos, como docente, aprender e escutar muitas músicas com meus alunos e colegas e, desta forma, compartilhar com eles também um pouco das minhas escolhas musicais. Retorno às contribuições de Delory-Momberger (2016), quando a autora ressalta que “o indivíduo humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, história de uma vida” (2016, p.136). Ainda em relação às histórias de vida e a formação, Josso (2010) nos lembra que “falar de sua história de vida é, para Pineau, começar a apropriar sua formação por meio do confronto entre as “formações instituídas” e as autoformações “menosprezadas”, é entrar num “processo de apropriação de seu poder de formação”(2010, p.133).

Retomo e finalizo estas narrativas, com a chegada da primavera de 2025, composta de muitas histórias, com o desejo que este tema dos repertórios e playlists seja um convite para que outros colegas da área da educação musical e da pesquisa (auto)biográfica partilhem suas memórias musicais e narrativas de formação entrelaçadas com suas trilhas sonoras e playlists. E que as músicas continuem a soar.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

Referências:

ABRAHÃO, Maria Helena. Pesquisa (auto)biográfica no Brasil: da aventura à insubordinação. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, *[S. l.]*, v. 9, n. 24, p. e1153, 2024. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/20502. Acesso em: 31 ago. 2024. (2024)

ABREU, Delmary Vasconcelos de. História de vida com as autobiografias musicais: contribuições de Maria Cecília Torres para o campo da educação musical. **Revista da ABEM**, *32*(1), e32102. (2024)

ABREU, Delmary Vasconcelos de; SOUZA, Hugo Leonardo Guimarães; ARAUJO, Gustavo Aguiar Malafaia de. Narrativas musicais como prática automedial para a sala de aula. **Revista Música na Educação Básica**, v. 13, n. 16, 2024.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa-formação e histórias de vida de professoras brasileiras e portuguesas: reflexões sobre tessituras teórico-metodológicas. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 37-48, ago./dez. 2009.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica,** *[S. l.]*, v. 1, n. 1, p. 133–147, 2016. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526. Acesso em: 12 ago. 2024.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010

KREMER, M., ANDERSEN, G. G.; WOLFFENBÜTTEL, Cristina R. (2014). Reflexões sobre gosto musical e seleção de repertório para o trabalho escolar. **28ºSeminário Nacional De Arte E Educação***. 9ºEncontro De Pesquisa Em Arte - ISSN 2359-6120(online)*, (24), P. 321–329. Recuperado de https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/208.

LARRUSCAIN, Edilacir dos Santos. Trajetórias musicais de jovens no ensino médio: narrativas em círculos restaurativos. *Tese* de doutorado no PPGEducação/Universidade Federal de Santa Maria, 2023.

MAKINO, Jéssica Mami. Repertório musical na Educação Infantil: música para crianças? **Revista da ABE***M*, v.*28*, 2021.

MOREIRA, Vinícius Ceratti. Estado do conhecimento: as escolhas de repertório para processos formativos em música. *Anais do XIX* **Encontro Regional Sul da Associação Brasileira de Educação Musical**/**ABEM**, 2020.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação***,* Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

PASSEGGI, Maria da Conceição. Prefácio: Pesquisa (auto)biográfica e (con)ciência ética. A insubordinação pelo bem, o justo, o bom e o belo.In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins; BERNARDES, Rosvita Kolb (Org.). **Redes de Pesquisa e movimentos insurgentes**. Curitiba: Editora CRV, 2024.

PINEAU, Gaston. Ancoragem de uma política de pesquisa em ciências humanas: histórias das novas profissões sócio-educativas em formação. **Revista Brasileira de Pesquisa (auto)biográfica**, *[S. l.]*, v. 5, n. 13, p. 55–70, 2020.Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8424. Acesso em: 31 ago. 2024.

PINEAU, Gaston. Histórias de vida em educação: por um paradigma transdisciplinar de formação da vida com abertura de frentes existenciais de pesquisa. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, *[S. l.]*, v. 9, n. 24, p. e1150, 2024. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/20498. Acesso em: 8 ago. 2024.

QUEIROZ, Haniel Henrique Vieira de; ABREU, Delmary Vasconcelos de. Abrindo horizontes para uma perspectiva musicobiográfica: um recorte analítico de uma pesquisa com três professores de música. **Orfeu,** Florianópolis, v. 7, n. 1, p. e0112, 2022. Disponível em: https://periodicos.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/21745. Acesso em: 30 ago. 2024.

ROCHA, Simone Maria; PASSEGGI, Maria da Conceição. Ser professora de classe hospitalar: entre vivências e narrativas de si. In: Passeggi, Maria da Conceição; Júnior, Lucrécio de Sá e Barbosa, Tatyana Mabel Nobre (Org.). **Educação e experiência: narrativas em múltiplos contextos**.– 1. ed. – Natal: EDUFRN, 2021. Acesso em 10 ago.2024.

SOUZA, Jusamara. **Música, cotidiano e educação** (org.). Porto Alegre: UFRGS/PPGMúsica, 2000.

TORRES, Maria Cecilia de A. R. Educação musical no curso de graduação em Pedagogia Univates (RS). **Expressão**. Revista do Centro de Artes e Letras, Santa Maria, v.1, 1998.

TORRES, Maria Cecilia de A R., SCHMELING, Agnes; TEIXEIRA, Lúcia Helena; SOUZA, Jusamara. Escolha e organização de repertório musical para grupos corais e instrumentais. In: Hentschke, Liane; Del-Ben, Luciana (Orgs). **Ensino de Música: propostas para pensar e agir em sala de aula**. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

TORRES, Maria Cecilia de A. R. Escolhas musicais e ecletismo: reflexões acerca de diferentes repertórios e estéticas. **Em Aberto**. Brasília: INEP, v. 21, 2007.

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

TORRES, Maria Cecilia de A. R. Gazzi Galvão de Sá: educador musical e inovador do movimento de musicalização na Paraíba. In: Mateiro, Teresa; Ilari, Beatriz (Org.). **Pedagogias brasileiras em educação musical**. Curitiba: Editora CRV, 2016

TORRES, Maria Cecilia de A. R. Que músicas escolher para um CD? Seleção e organização de repertório para a aula de música na escola. **Música na Educação Básica/MEB,** v.8, 2017.

TORRES, Maria Cecília de A. R; SANTOS, Cristina Bertoni. Escolha de repertório musical para um grupo de flautas doce: entre os estudos brasileiros de Tasso Bangel e os estudos de Mário Videla. **Anais do V Simpósio Acadêmico de flauta doce da UNESPAR/EMBAP***,* v.5, 2019.

TORRES, Maria Cecilia de A. R. Playlists em tempos de pandemia da Covid19: narrativas de educadores musicais integrantes de um Grupo de Estudos. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, *[S. l.]*, v. 5, n. 16, 2020.

TORRES, Maria Cecília de A. R.; LEAL, Cláudia Maria, SILVA, Nisiane Franklin Repertório Musical no Espaço Hospitalar: ecletismo, desafios e aprendizagem contínua. in: TORRES, Maria Cecília; LEAL, Cláudia Maria, TEIXEIRA, Lúcia Helena (Org.). **Estágio Supervisionado no Ambiente Hospitalar**: experiências de formação acadêmico-profissional na Licenciatura em Música. Porto Alegre: www.editoraFi.org, 2023.

Recebido em: 03/09/2025.
Aceito em: 07/04/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Maria Cecilia de Araujo Rodrigues Torres
Doutora em Educação pelo PPGEDU/UFRGS e Mestre em Educação pelo PPGEDU/PUCRS. Atuou como educadora musical em escolas de educação básica por mais de 20 anos. Docente aposentada do Centro Universitário Metodista/IPA entre os anos de 2008 e 2019, onde atuou também como coordenadora de curso e coordenadora do subprojeto Música (PIBID/CAPES/IPA). Integrante dos Grupos de Pesquisa EMCO/PPGMus/UFRGS e NARRAMUS/PPGEDU/UFSM. Integrante do Movimento (auto)Biográfico da Educação Musical no Brasil.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0617-8304
E-mail: mariaceciliaartorres@yahoo.com.br

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 65, N. 65 (2025)
ISSN 2319-0868

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

TORRES, Maria Cecília de Araújo Rodrigues. REPERTÓRIOS, PLAYLISTS E MEMÓRIAS/FORMAÇÃO DE UMA EDUCADORA MUSICAL. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 65, N. 65, p. 1-18, setembro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br